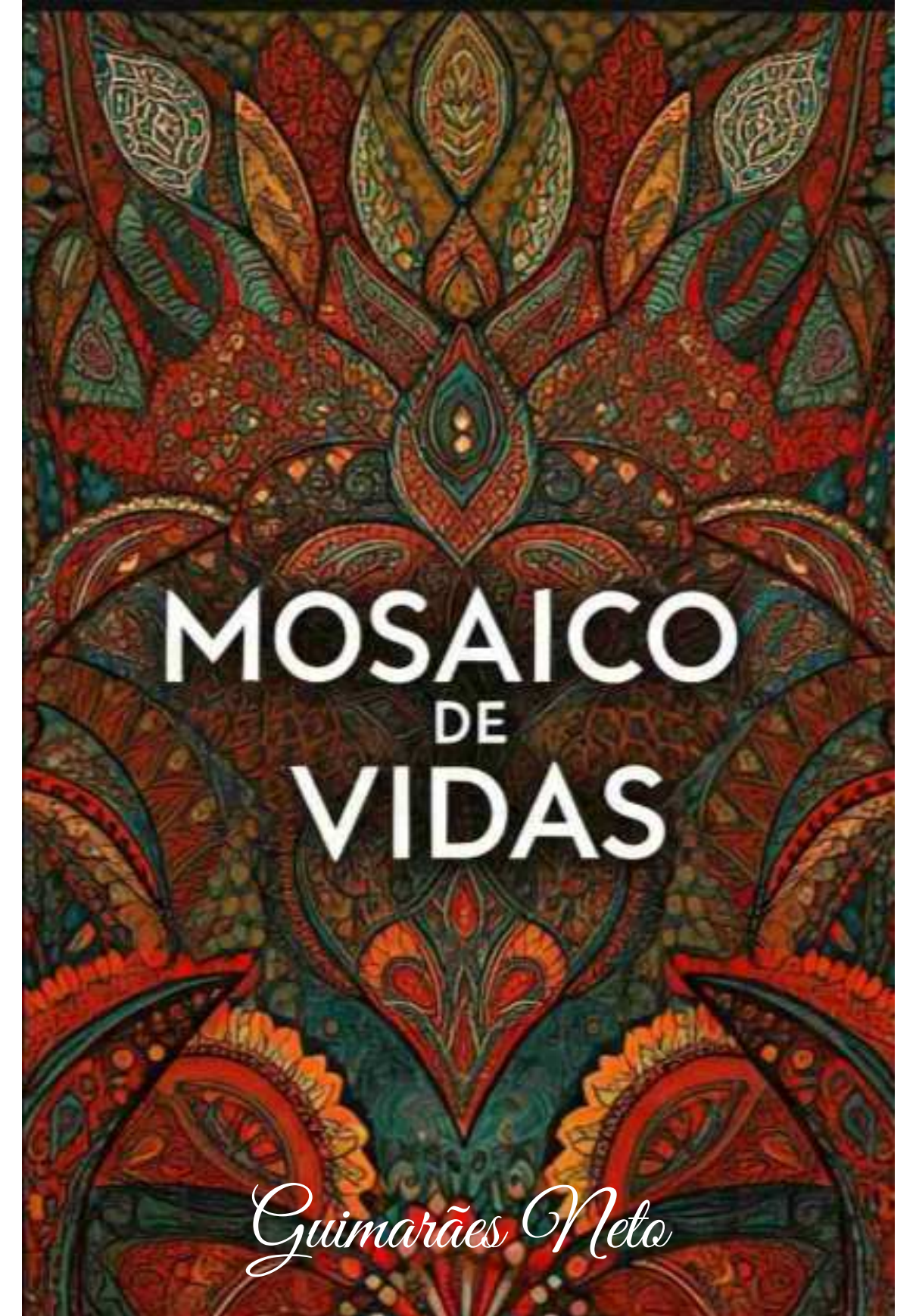




MOSAICO DE VIDAS

Guimarães Neto



Mosaico de vidas

Guimarães Neto

DEDICATÓRIA

*Dedico a Deus pela dádiva da vida,
A família pelo suporte, aos amigos
pelo incentivo, e a todos que, direta ou
indiretamente,
inspiraram e permitiram que as
palavras
se transformassem em livro.*



Apresentação e Introdução

Em um mundo cada vez mais acelerado, encontrar um momento para a reflexão se torna um luxo. Neste livro, convidamos você a desacelerar e mergulhar em um universo de emoções, memórias e sonhos. Através de contos e histórias, exploramos as nuances da alma humana, revelando a beleza e a complexidade da experiência de ser humano. Prepare-se para se conectar com histórias que ecoam dentro de você e para descobrir novas perspectivas sobre a vida.

As memórias são como tesouros escondidos, guardadas nos recantos mais íntimos da alma. Neste livro, abrimos as gavetas da memória e revelamos os segredos que moldou quem somos. Através de contos e histórias, convidamos você a desvendar os mistérios do passado e a celebrar a beleza da vida.

Embarque em uma jornada de autoconhecimento através destas páginas. Os contos e histórias aqui reunidos são como espelhos, refletindo nossas próprias experiências e nos ajudando a compreender melhor quem somos. Permita-se ser tocado pelas palavras e encontrar novas perspectivas sobre a vida



Um convite para uma jornada emocionante pela vida de pessoas especiais.

Em "Mosaico de Vida", somos convidados a mergulhar em um universo de histórias únicas, tecidas com o fio da experiência humana. Através de relatos sinceros e tocantes, familiares e amigos compartilham momentos marcantes, desafios superados e lições aprendidas ao longo da vida.

Deixe-se envolver por este mosaico de vidas e descubra a beleza da experiência humana.

Com carinho,

Guimarães Neto

Guimarães Neto



SUMÁRIO

A morte chegou bem perto.....	8
A Lição de Superação.....	9
A Estrada da Vida.....	12
Como Tudo Aconteceu: Avós Paternos.....	15
Histórias da Vó Ester.....	17
Assim surgiu o Chico Am.....	19
A partida do Tio Adonias.....	20
Anos Dourados da Serra Pelada.....	22
O Soldado 33 e a Milhar da Loteria.....	26
O Mistério da Passageira do Cemitério.....	28
O Barulho no Alpendre de Pacajus.....	31
O Senhor Escondido na Casa de Farinha.....	35
A Concha de Pipoca.....	38
O Rádio.....	42
O aniversário sem doces.....	44
A farofa do vendedor de churrasco.....	47
O de Horizonte.....	48
A Sogra e a Tropa.....	51
A Confusão da Depilação.....	53
Manoel Gomes.....	56



A morte chegou bem perto

Era uma festa animada, daquelas que acontecem sem grandes planos, mas que ficam gravadas na memória. A "festa da escola", como ficou conhecida, quase acabou em tragédia. Tudo começou com uma brincadeira simples: os adultos, em busca das frutas no pé, começaram a arremessar pedras para derrubar os cachos mais altos. Entre risos e conversas, ninguém imaginava que aquela atitude, aparentemente inofensiva, teria consequências terríveis.

O que ninguém sabia é que, ao acertar um dos cachos, a pedra teria uma reação inesperada. O cacho que foi atingido não era de frutas, mas de abelhas. E, quando elas saíram em enxame, o caos foi instantâneo. A gritaria tomou conta do lugar. Todos, assustados, correram para longe, buscando abrigo, se protegendo como podiam. Todos, menos eu, minha mãe e minha irmã. Éramos pequenos demais para entender o perigo iminente, e ficamos ali, paralisados, sem saber o que fazer.

As abelhas vieram com uma fúria imensa, atacando sem piedade. O barulho das asas zumbindo no ar era ensurdecador, e a dor das picadas parecia não ter fim. O pânico tomou conta, mas por algum milagre divino, não chegamos a óbito. Ficamos machucados, claro, com o corpo marcado por várias picadas, mas vivos, com os corações disparados, mas cheios de uma sensação estranha de alívio.



Foi nesse momento que a amiga de minha mãe, a Senhora Joana, entrou em cena. Ela, que estava um pouco afastada, correu em nossa direção, nos acolheu com calma e nos ajudou a buscar abrigo. A sua presença foi um bálsamo naquele cenário de caos. Ela nos levou até sua casa, logo em seguida fomos levados ao hospital, onde os médicos cuidaram das feridas, e, ao voltar para casa, fui mantido em observação e cuidados.

A festa que era para ser de alegria se transformou em uma experiência que, por muito tempo, carreguei como um lembrete da fragilidade da vida e da importância de estar sempre atento ao que nos rodeia. Mas também, de alguma forma, a história dessa festa de escolhas, onde cada ação teve sua consequência, ficou registrada na minha memória como um conto de sorte, coragem e a mão amiga de quem se importam.



A Lição de Superação

Lecionar nem sempre foi um caminho fácil para Dona Fransquinha, mas ninguém que a conhecia poderia dizer que ela não amava o que fazia. Ela tinha um compromisso com a educação, algo que parecia nascer dela, como uma força incontrolável. Mas as dificuldades, ah, essas pareciam imensas, como a travessia de uma ponte, sem saber se a ponte vai resistir ao peso do próximo passo.

Nos primeiros dias em que começou a lecionar naquelas localidades afastadas, ela teve que encarar um cenário desolador. As escolas, se podiam ser chamadas assim, eram simples e improvisadas. Muitas vezes, as crianças se reuniam sob uma árvore, como se a própria natureza fosse o teto de uma sala de aula improvisada. Não havia quadro negro, giz, ou mesmo carteiras. O que havia era a resistência de uma mulher que acreditava no poder da palavra e da paciência.

Para chegar até essas crianças, ela enfrentava o que muitos chamariam de obstáculos intransponíveis. O caminho até o lugar onde lecionava não era pavimentado; era um emaranhado de estradas de terra, cheias de buracos e poças de água. E, o pior de tudo: as pontes. Elas não eram de concreto, mas sim troncos improvisados, fincados nas margens dos rios e riachos que cortavam a região. Atravessá-las era um teste diário de coragem e equilíbrio.



Naqueles dias, seu trabalho não era apenas o de educadora. Ela também era aventureira, guerreira, talvez até um pouco maluca para quem pensasse na segurança de um trabalho estável. Cada ida para a escola era um sacrifício pessoal, mas ela nunca se queixou. Ao contrário, sempre falava das crianças com olhos brilhando, dizendo que, apesar de tudo, eram elas quem lhe davam forças para seguir. “A educação é a única coisa que ninguém pode tirar da gente”, costumava dizer, sempre com aquele sorriso que tinha algo de cativante e de enérgico.

Dona Fransquinha nunca teve medo de ensinar ao ar livre. Se não havia sala de aula, então a natureza seria sua sala. Ela colocava uma lousa improvisada contra uma árvore, e seus alunos, com carteiras de madeira que trouxeram de casa ou simplesmente sentados no chão, recebiam seus ensinamentos com uma atenção rara, como se soubessem o quanto aquele momento era valioso. A falta de infraestrutura não era um obstáculo para ela, mas uma oportunidade. A chuva, o vento, o sol forte – nada disso impedia a aula. Naquele cenário, o que importava era o aprendizado, não a forma.

“Vocês estão aprendendo para o mundo, para a vida. Não importa onde estamos, o que importa é o que levamos dentro”, ela dizia, com sua voz calma, mas firme. Aula após aula, ano após ano, ela foi semeando mais que conteúdo nos corações daqueles pequenos. Ela semeava a esperança de que a educação era um passaporte para um futuro melhor, e que, apesar de todas as dificuldades, o conhecimento não tinha limites.

